

# Arquitetura da Exposição do Centenário do Brasil

*John Pollock Curtis*

Fernando Atique, arquiteto e urbanista, é professor de "História, Espaço e Patrimônio Edificado" na Universidade Federal de São Paulo, onde coordena, também, o grupo de pesquisa CAPPH - Cidade, Arquitetura e Preservação em Perspectiva Histórica. É bolsista produtividade em pesquisa do CNPq.

Tradução e introdução de **Fernando Atique** (Universidade Federal de São Paulo).

## Introdução à Tradução

### John Pollock Curtis, observador e crítico da Exposição do Centenário

**A** Exposição do Centenário do Brasil, ocorrida entre 1922 e 1923, foi um marco em diversas escalas na vida arquitetônica, artística e cultural nacional.

A Exposição foi pensada pelo governo brasileiro como a principal forma de celebração da Independência do país, evento levado a termo em 7 de setembro de 1822, pelas mãos do então Príncipe-Regente, Dom Pedro de Alcântara, depois conhecido como Dom Pedro I.

A priori, a Exposição teria apenas caráter nacional, como o decreto-lei n. 4175, de 11 de novembro de 1920 expunha. Mas com a proximidade da data a ser celebrada e com a incerteza de que o evento sairia do papel, por conta do receio de comprometimento das contas públicas, como externava o então prefeito do Rio de Janeiro Milcíades de Sá Freire, incumbido pela Mostra, o Presidente da República, Epitácio Pessoa, o substituiu pelo engenheiro Carlos Sampaio, que acumulou o cargo de Prefeito e o de Superintendente Geral da Exposição Comemorativa do Centenário. Sampaio, sendo prefeito da cidade escolhida como sede da Exposição e seu responsável maior, decidiu transformar o evento em vitrine de sua dupla administração. Sendo assim, em 19 de novembro de 1920, em discurso proferido no Paço Municipal carioca, expressou que a melhor maneira de celebrar o Centenário da Independência seria realizando, na então capital federal, obras de saneamento, de instrução, de assistência e de embelezamento que seriam "completadas com uma exposição internacional... para mostrar ao estrangeiro, que ainda não nos conhece, de quanto

somos capazes” (Sampaio, 1924, p.3). Esta afirmação de Carlos Sampaio deve ser entendida com uma profundidade um pouco maior do que, talvez, a de um prefeito desejoso de expor sua vaidade de administrador. Sampaio intentava articular-se como o viabilizador de uma Exposição Universal, similar a diversas que fizeram sucesso na Europa e nos Estados Unidos, desde 1850. Ele se colocava no papel de o artífice da maior mostra congênere ocorrida na América do Sul.

Dessa maneira, convém mostrar que a Exposição do Centenário da Independência do Brasil para além do caráter nacionalista que tem sido evocado na produção historiográfica brasileira teve, também, um dado pan-americanista, sobretudo pelo papel destacado dado aos Estados Unidos. Assim, o que mostramos com a tradução a seguir é que essa Exposição Internacional comemorativa da Independência do Brasil, e as representações que recebeu, desvelam um interesse dos Estados Unidos por conhecer e se inserir no país, muito antes da Política da Boa Vizinhança ser oficializada, em 1933.

O artigo que traduzimos especialmente para a Revista *Thésis*, intitulado *Arquitetura da Exposição do Centenário do Brasil*, foi redigido pelo arquiteto John Pollock Curtis, radicado no Brasil desde 1921. Publicado em uma revista devotada à Arqueologia e às Artes - *Art and Archaeology: the arts throughout the ages*, pertencente à *Archaeological Society*, de Washington D.C., nos Estados Unidos, ele nos mostra a Exposição do Centenário pelas lentes de um estrangeiro que estava se inserindo na vida arquitetônica do país.

John Pollock Curtis imigrou dos Estados Unidos para o Brasil para desenvolver sua carreira como arquiteto no fim dos anos 1910. Formado pela *School of Architecture da University of Pennsylvania – Penn -*, em 1909, Curtis foi aluno de destaque como atestam a medalha de bronze, conquistada numa competição estudantil promovida pela Penn, e a sua participação na seleta *Architectural Society*, da qual foi tesoureiro e editor do *Architectural School Year Book* (Atique, 2010, p.175).

A realização da Exposição do Centenário da Independência do Brasil lhe deu chance para mostrar seus laços de relacionamento social no país, e permite, hoje, aos leitores, encontrarem, em pormenores, descrições dos edifícios erigidos para aquele evento, dos quais, basicamente restou a sede da Academia Brasileira de Letras.

Curtis foi sócio de um colega de universidade, William Procter Preston, com quem dividiu escritório no Rio de Janeiro. Ambos, em 1921, participaram da fundação da Sociedade Central de Arquitetos do Rio de Janeiro, o que o levou a gozar de íntimo convívio com os arquitetos envolvidos com a Exposição do Centenário, como o artigo traduzido permite notar. Sabe-se que na Sociedade Central de Arquitetos do Rio de Janeiro, Curtis assumiu, inclusive, cadeira junto ao conselho administrativo da entidade (Atique, 2010, p.175). Nesta época, possivelmente, ele já estava casado com Clara Walther, com quem teve dois filhos, John Walther Curtis e David Stith Curtis (Atique, 2010, p.176).

Curtis permaneceu no Brasil por anos. Casado e radicado aqui, encontrou emprego, a partir de 1943, como Analista Econômico e trabalhou como *Auxilliary Officer* na Embaixada Americana, no Rio de Janeiro colaborando com o período da consolidação da Boa Vizinhança, por meio do *United States of America Operations Mission to Brazil* (Atique, 2010, p.176). Sabemos que Curtis faleceu nos Estados Unidos, em 1955.

O artigo escrito por Curtis, sob demanda da revista americana, é parte de um número temático, que conta, ainda, com artigos escritos por Mitchel Carroll, editor da revista, que descreve o sítio da cidade do Rio de Janeiro. Na sequência, vem o artigo de Curtis sobre a arquitetura da Exposição. O artigo que segue o de Curtis é da lavra de Margareth Hutton Abels, que discute a pintura exibida na Exposição do Centenário. Por fim, e de maneira muito destacada, foi publicado um artigo escrito por Douglas O. Naylor, enfocando o trabalho escultural de Morales de los Rios para a exposição, e uma breve entrevista consigo.

Curtis, imigrante em processo de fixação no país, teceu comentários que ora se aproximam, ora se afastam da celebração de seus pares arquitetos. Ele, de maneira muito discreta, aponta equívocos de composição, de construção e de apropriação do espaço. Por outro lado, intentando firmar sua rede relacional, traz elogios a alguns dos personagens envolvidos com a Exposição, em Especial Nestor de Figueiredo e Adolpho Morales de los Rios.

O texto, que reproduziu um mapa com explicações em inglês, provavelmente produzido por ele especialmente para a revista, tem, também, diversas fotografias dos espaços que descreve, e se constituiu em um raro registro daquela Exposição que hoje pode ser vista em perspectiva histórica, revelando aspectos daquela sociedade. Publicá-lo neste ano em que se comemora

o bicentenário da independência do país parece relevante e instrutivo, uma vez que garante registrar se algumas das apostas de Curtis, alusivas ao desenvolvimento de nossa arquitetura no século que viria, de fato, se concretizaram.



Foto 1

O Palácio das Festas, com seu grande hall coberto por um magnífico domo, foi a cena da abertura formal da Exposição do Centenário do Brasil, em 7 de setembro de 1922, e serviu de local para os grandes encontros ocorridos durante a Exposição

## Arquitetura da Exposição do Centenário do Brasil<sup>1</sup>

John Pollock Curtis

A Exposição Internacional que foi inaugurada na bela cidade subtropical do Rio de Janeiro, em 7 de setembro de 1922, e que se estendeu até 31 de julho de 1923, celebrou o primeiro centenário de independência política do Brasil. Ela foi o maior evento deste tipo já ocorrido na América do Sul, ou mesmo nesta parte do mundo, que está ao Sul do Equador, e por esta razão, atraiu muitos visitantes de países vizinhos, Europa e América do Norte.

<sup>1</sup> Artigo originalmente publicado com o título "Architecture of the Brazil Centennial Exposition", na revista *Art and Archaeology: the arts throughout the ages*, número 3, volume 16, setembro de 1923, pp. 95-104.

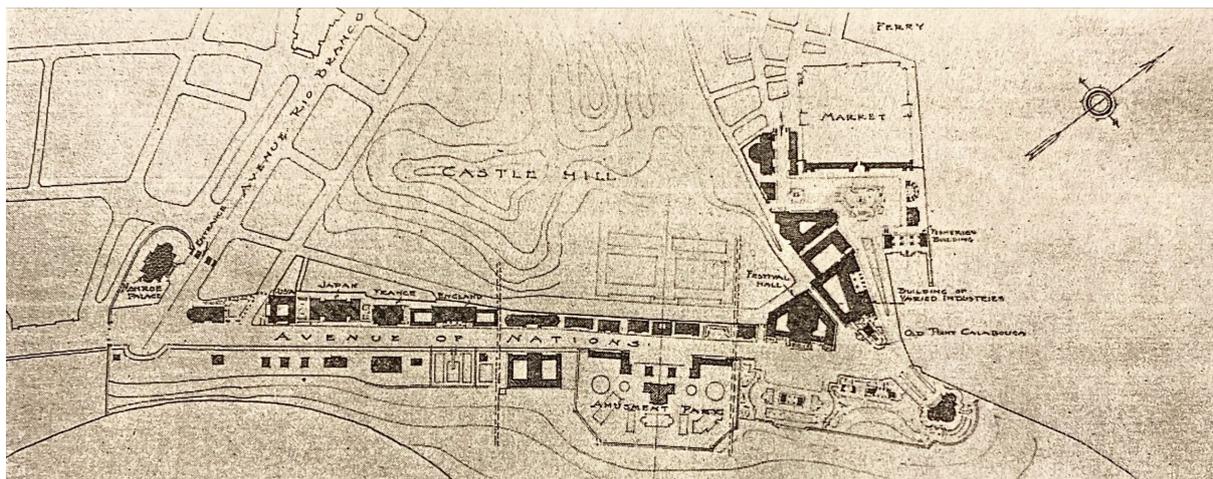


Foto 2  
Croquis do plano, mostrando o arranjo dos Pavilhões na Avenida das Nações, e o grupo dos Edifícios Nacionais

O projeto original limitava-se a ser uma Exposição Nacional, muito menor do que a seção doméstica da feira foi, mas, diante da sugestão de diversos representantes de nações amigas, o governo brasileiro expandiu o plano primitivo para uma Exposição Internacional, na qual todas as nações foram convidadas a tomar parte. Para acomodar todos os pavilhões dos países que aceitaram ao convite, cerca de metade do espaço disponível para a feira, a eles foi reservado. A seção internacional da exposição espria-se pela "Avenida das Nações", a qual vai da entrada principal, na Avenida Rio Branco, até a Ponta do Calabouço, nas proximidades de onde começa a seção nacional da mostra.

O Comissário Geral, Carlos Sampaio, ilustre prefeito do Rio de Janeiro, enfatizou, em um banquete: "o Brasil está dando esta festa porque nós desejamos que o mundo veja nossos recursos".

A importância que o mundo conferiu à "festa" pode ser percebida pelo renome e pela presença dos representantes que foram enviados ao Rio de Janeiro. Portugal, o "país-mãe," enviou o presidente, Antônio José de Almeida. Os Estados Unidos, cuja celebração do centenário na Filadélfia foi abrilhantada pela presença do imperador Dom Pedro II, enviou o secretário de Estado, Charles Evans Hughes. Outras nações enviaram os seus melhores [líderes] para honrar o Brasil. Nos seus cerimoniais, assim como em seus comunicados, todos os representantes estrangeiros esforçaram-se para expressar a profunda impressão que o país lhes deixou por conta de seu progresso e riqueza de recursos. A Exposição provou, também, ser a abertura de uma nova era – o anúncio do Brasil como local de progresso material no futuro próximo.

## O Sítio da Exposição

A Exposição, que criou uma tamanha impressão nos visitantes, assim como naqueles que afluíram extrapolando sua capacidade oficial de público, foi locada ao longo da borda d'água desta parte do Rio de Janeiro, que fazia a entrada da baía e do porto [do Rio de Janeiro]. Parte do sítio usado para a feira é terra nova, criada por sobre a baía com material extraído do Morro do Castelo, que vinha sendo nivelado para aliviar o congestionamento. O restante [da Exposição] circundou o "antigo arsenal marítimo" na Ponta do Calabouço. A Exposição foi, grosso modo, dividida em duas seções: estrangeira e doméstica. Pavilhões foram erigidos pelas seguintes nações: Argentina, Estados Unidos, Japão, França, Grã-Bretanha, Itália, Portugal, Dinamarca, México, Tchecoslováquia, Noruega, Bélgica e Suécia. A seção doméstica compôs-se dos seguintes edifícios de exposições: Palácio de Festas, Palácio das Indústrias, Edifício da Pesca, Edifício do Departamento de Estatísticas, Palácio dos Estados Brasileiros, Edifício Administrativo, Edifício da Agricultura e Transportes, Edifício das Indústrias Menores, parte frontal do mercado público adaptada para estandes de Exposições, um grande Parque de Diversões, e um grande número de prédios de exposições individuais.

O esquema da feira foi planejado pelo Comissário Geral Carlos Sampaio, prefeito do Distrito Federal do Rio de Janeiro [sic], que atuou como seu superintendente. Assim como os planos seguidos por Feiras Mundiais, como as de Chicago e São Francisco, a proposta se assentou na seleção de um local subdesenvolvido, para que as novas edificações não fossem perturbadas, e os belos edifícios, de construção permanente, se efetivassem como parte da cidade.

O Comissário Geral, que é um engenheiro de grande reputação no país, também parcelou os diversos terrenos para as obras. Devido ao fato de que vários dos edifícios serão permanentes, suas localizações foram, necessariamente, ditadas por razões como a harmonia com o esquema geral da Exposição. Apesar da arbitrária implantação de algumas edificações, há, contudo, vários visuais encantadores no sítio, e esplêndidas vistas gerais desde a baía e dos montes, especialmente à noite, quando os edifícios são realçados por suas brilhantes iluminações.

## Os Pavilhões Estrangeiros

Muitos dos pavilhões estrangeiros são construções permanentes (o francês, o britânico, o americano, o italiano, o português, o norueguês e o argentino). Todos os demais são edifícios temporários, com características arquitetônicas das nações que representam. O pavilhão francês é uma réplica do *Petit Trianon* de Versailles, datado de 1766, o qual foi doado à Academia Brasileira de Letras. A decoração interna e os objetos em exibição fornecem uma tocante mostra da

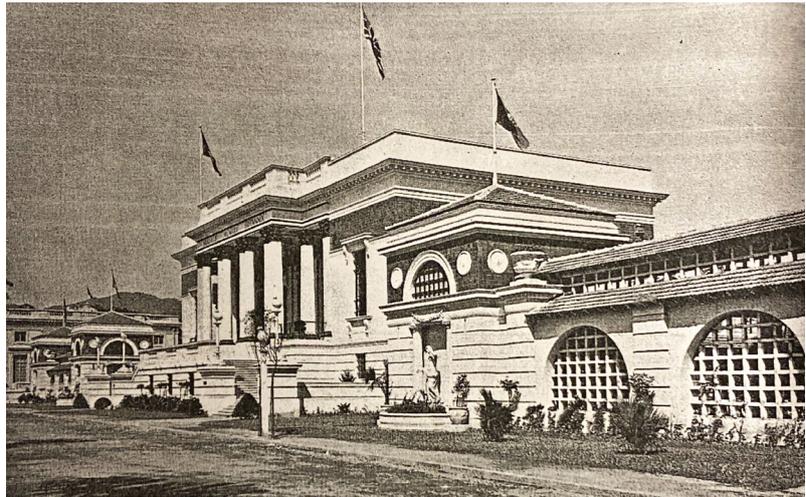


Foto 3

O Pavilhão Britânico, substancioso e digno em sua forma, com uma larga faixa de azul profundo logo abaixo da arquitrave



Foto 4

O Pavilhão Francês, uma réplica do *Petit Trianon*, agora, sede permanente da Academia Brasileira de Letras

arte francesa no século XIX. O pavilhão britânico é notável pela impressionante coloração empregada em sua decoração. Este é conformado por uma larga faixa de azul profundo logo abaixo da arquitrave, decorada, em parte, com ricas incrustações cerâmicas em

vermelho e dourado. Sendo a maioria dos edifícios da feira brancos, este pavilhão, com esta decisiva nota colorida, cria grande destaque. Sua forma é substancial e digna e dá a sensação de ser tipicamente britânico. As decorações internas incluem pinturas murais retratando os Sete Mares. O edifício americano, erigido para servir como Embaixada dos Estados Unidos após a exposição, é uma sólida estrutura de dois pavimentos, conformando um pátio interno central.

Um pouco além do edifício britânico está situado o Pavilhão Italiano, simples, austero em suas linhas e com decorações internas em fino gosto italiano. O Pavilhão Belga é no estilo Renascença Flamenga. A fachada, ricamente ornamentada com esculturas em alto relevo, tem no flanco da composição uma torre de mais de 30 metros de altura.<sup>2</sup> O Pavilhão Português, dominado

<sup>2</sup> N.T. No original: "over a hundred feet high".



Foto 5  
O Pavilhão Italiano, simples e austero em suas linhas, com decoração no interior segundo um refinado gosto italiano

por um domo, é decorado, interna e externamente, por elaborados motivos que remetem à Arquitetura Colonial Portuguesa. O Pavilhão Mexicano é uma admirável demonstração das aspirações artísticas daquela nação. A fachada, ricamente ornamentada, é em Estilo Colonial, com uma mescla de motivos astecas e espanhóis. As decorações muralísticas policromadas, as esculturas em madeira e os ladrilhos dos pisos formam um efeito exótico, que faz deste pavilhão um dos mais atraentes da Exposição.



Foto 6  
Pavilhões do México, Tchecoslováquia, Noruega e Belgica. O Pavilhão Mexicano, com seus motivos astecas e hispânicos na fachada, e seus murais policrômicos, é digno de nota.



Foto 7  
O Pavilhão dos Estados Unidos, projeto do arquiteto Frank L. Packard, de Columbus, Ohio, é, agora, residência permanente do Embaixador Americano.

## Os Edifícios Brasileiros

A seção doméstica da Exposição, a qual começa nas proximidades do fim da Avenida das Nações, faceia o novo mercado municipal. Aqui, em um extenso grupo de prédios, o Brasil mostra seus maiores esforços nas indústrias e nas artes. O Mercado Municipal, ele próprio uma considerável estrutura, foi remodelado no lado voltado para a Exposição, de maneira a se adequar ao estilo geral da mostra. Estandes para exposições foram construídos dentro desta ala do mercado.

Neste grupo de edifícios, aos arquitetos brasileiros foi dada a oportunidade de mostrarem suas habilidades. A profissão de arquiteto no Brasil foi muito recentemente estabelecida, então a Exposição garantiu uma grande oportunidade aos homens desta profissão, que a perceberam de pronto. Uma necessidade clamorosa urgência, forçada pela inesperada expansão do plano original de uma mostra nacional para uma exposição internacional e doméstica, somada ao desejo nacional de inaugurá-la na data festiva, provocou alguns erros e descuidos em seu plano e seu desenho, mas considerando as dificuldades enfrentadas, os edifícios brasileiros deixaram uma impressão favorável da expressão artística do país.

Como intencionado, a Exposição despertou o interesse nacional, e as conversas e o entusiasmo [pelo evento] conduziram em direção às coisas nacionais – [logo, buscou-se] encontrar algo que desse um cunho nacional aos prédios. O centenário remete ao período colonial, e, dessa forma, o “Colonial Português” apareceria na arquitetura da Exposição. Antigos desenhos, gravuras e imagens foram diligentemente procuradas e estudadas [para este fim].

## **O Palácio das Indústrias**

O edifício que realmente deu a “atmosfera” da feira foi o Palácio das Indústrias. Ele foi desenhado pelos senhores Memória e Cuchet. Para esta estrutura, o antigo arsenal da marinha foi restaurado e o “calabouço” refeito. Fundações, paredes, arcos e outras partes remanescentes da antiga estrutura foram mantidas. Esses elementos serviram de base, mas de maneira a enriquecer o desenho colonial, cada parede e sala foi cuidadosamente estudada, e hoje essa estrutura se constitui em um semi-museu do neocolonial.<sup>3</sup> Ele é repleto de detalhes interessantes e cores charmosas. Além disso, a estrutura pré-existente, após a remodelação, abunda em felizes soluções artísticas. Vendo os robustos arcos abatidos cercados pelas massivas paredes de pedra, fica fácil a qualquer um imaginar ali os soldados coloniais e os cavaleiros que lotavam os pátios calçados de paralelepípedos. Enquanto se via a frescura do jardim da cerveja da exposição do outro lado da Avenida das Nações, onde a sombra real deste edifício colonial foi lançada por sobre telhados cobertos por imitação de neve, fica-se impressionado com a sua frente semicircular que se dobra para o que, há pouco tempo, era o ponto que se projetava na baía. Igualmente, impressiona-se com a antiga torre de vigia, hoje convertida em observatório meteorológico.

<sup>3</sup> N.T. No original: “a semi-museum of neo-colonial”.



Foto 8  
O Palácio das Indústrias é a antiga fortaleza da Marinha, remodelada, e é um excelente exemplo de Arquitetura Colonial Portuguesa



Foto 9  
Pátio Interno no Palácio das Indústrias

A influência dos jesuítas nas primeiras construções brasileiras é sugerida em detalhes ou mesmo na composição de dois ou três pavilhões nacionais, especialmente naqueles que foram inspirados em fontes edificadas coloniais. Percebe-se isso no tratamento das aberturas as quais aparentam seguir formas eclesiás-

ticas. Lamenta-se, nesta porção brasileira da feira, a falta do uso dos motivos das fauna e flora nacionais. Essas aparecem apenas em menor proporção em algumas decorações. O Palácio dos Estados Brasileiros possui um grupo de estatuária por sobre a sua entrada principal, simbolizando o rio Amazonas e seus afluentes. Este conjunto é muito bem-sucedido nesta tarefa de expressar abundância tropical, mas dificilmente pode ser elogiado artisticamente. A ação nesta direção tropical, digna de nota, recai sobre o Prof. Adolfo Morales de los Rios, que no projeto da entrada do Parque de Diversões dela se valeu. Aqui, uma ampla variedade de formas nativas, e outras tantas, foram bem empregadas produzindo festivas alegorias.

## O Palácio das Festas

O Palácio das Festas é um pedaço da arquitetura da Exposição Universal de Paris, no Rio de Janeiro, com seu grande hall arrematado por um magnífico domo.

O Pavilhão da Pesca, projetado por Armando de Oliveira, mostra um uso livre das formas coloniais. No edifício da Agricultura, paredes lisas contrastam com nichos ornamentados e ricos relevos encimando as aberturas. A cornija deste prédio é especialmente interessante. Ela é feita seguindo uma maneira antiga, projetando sucessivas fileiras de telhas<sup>4</sup> até se obter o desejado efeito. O Sr. Morales de los Rios Filho foi o arquiteto deste edifício.

<sup>4</sup> N.T. Curtis procurou definir textualmente as cornijas em eira, beira e tribeira.

No edifício de Pequenas Indústrias, Sr. Figueiredo, o arquiteto, tomou partido do clima e fez um pavilhão aberto. As aberturas são protegidas contra o sol e a chuva por vistosos toldos listrados, os quais dão uma agradável nota colorida. O motivo central é artisticamente melhorado por conta de um painel barroco de decoração feito de mosaico. A frente do mercado, também da lavra do Sr. Figueiredo, é mais severa em sua composição. Ali, as dificuldades impostas pela subestrutura de aço complicaram o problema arquitetônico.

O edifício da Administração traz um pouco da Moderna Itália no projeto do Sr. Sylvio Rebecchi.

O Edifício de Estatísticas é severo e seco, como sugere seu nome.

O Palácio dos Estados Brasileiros, o qual domina por seu tamanho e escala a sessão nacional da feira, é um largo prédio de construção permanente com um terraço de cobertura permitindo uma extensa visada

do sítio do evento e do porto [do Rio de Janeiro]. Seu tratamento é indeciso entre a efusiva ornamentação demandada por um edifício de exposições e a severidade requerida para uso governamental permanente.

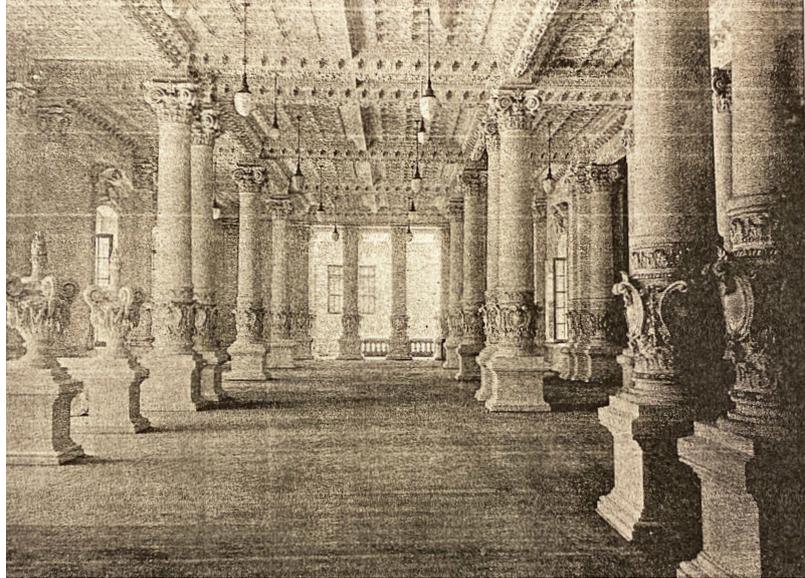


Foto 10  
Detalhe do grande salão, no primeiro piso do Edifício da Agricultura, em Estilo Colonial Barroco Brasileiro. Projeto do Arquiteto A. Morales de los Rios Filho.

<sup>5</sup> N.T. Curtis faz menção à Feira Internacional ocorrida na cidade de São Francisco, na Califórnia, entre 20 de fevereiro e 4 de dezembro de 1915. Seu nome oficial era *Panama-Pacific International Exposition*, e foi organizada para celebrar a abertura do Canal do Panamá, oficialmente inaugurado em agosto de 1914.

<sup>6</sup> N.T. Faz-se menção a um grande volume vertical repleto de lâmpadas em formatos de pedras preciosas, que reluzia quando iluminado, que foi empregado na Exposição de 1915, em São Francisco, e também na Exposição do Centenário, em 1922, no Rio.

<sup>7</sup> N.T. *Novagem* (nova gema) foi uma invenção de Walter Ryan, que utilizando vidro, criou colorações próximas de gemas preciosas. O efeito de criação dessas novas gemas, imitando lapidação, fez com que entre os anos 1910 e 1920, essas peças fossem muito procuradas como souvenirs. No Rio, a "Torre de Joias" foi repleta dessas peças, que reluziam quando iluminadas.

## A Iluminação da Exposição

A iluminação geral ficou a cargo do senhor C.N. Ryan, da *General Electric Company*. Ele usou o mesmo esquema de iluminação refletida empregado em São Francisco.<sup>5</sup> Uma Torre de Joias<sup>6</sup> é a marca principal. O grande domo do Palácio de Festas foi brilhantemente iluminado. O Palácio dos Estados foi ornamentado com 40 mil *Novagens*<sup>7</sup> de cristais de vidro, imitando diamantes, rubis, esmeraldas e safiras, iluminadas por holofotes incandescentes. O Rio é abundantemente servido com eletricidade, e à noite, a exposição é um local brilhante, refletido nas escuras águas da baía, apresentando um fascinante espetáculo.

## O Progresso Arquitetônico do Brasil

O progresso da arte arquitetônica e as realizações dos construtores brasileiros, como indicado na Exposição do Centenário, excedeu o que deveria ser esperado por todos aqueles que estão familiarizados com os últimos 100 anos da história do Brasil. Durante 50 anos dessa centúria, o Brasil foi comandado pelo Imperador Dom Pedro II, o último dos monarcas do Novo Mundo. Muito embora Dom Pedro II tenha sonhado

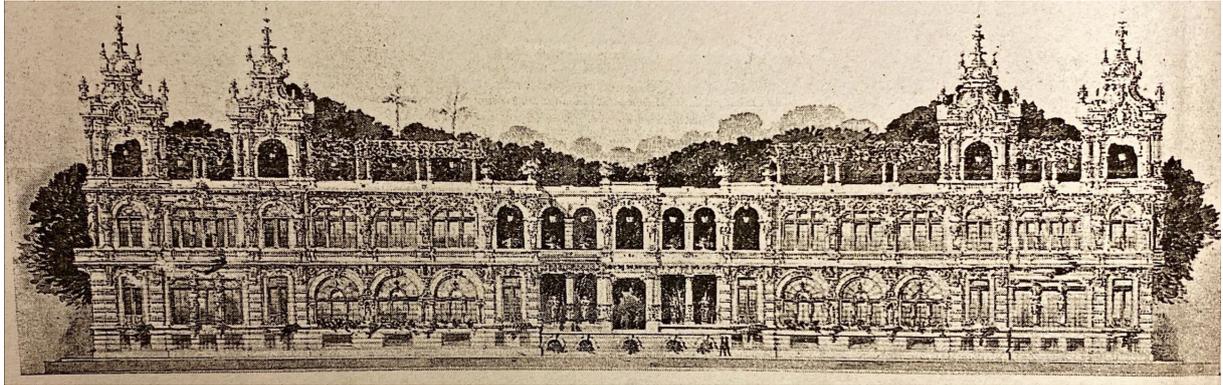


Foto 11  
Projeto do Restaurante de Cristal no Passeio Público do Rio de Janeiro, em Estilo Colonial Barroco Brasileiro. Projeto do Arquiteto A. Morales de los Rios.

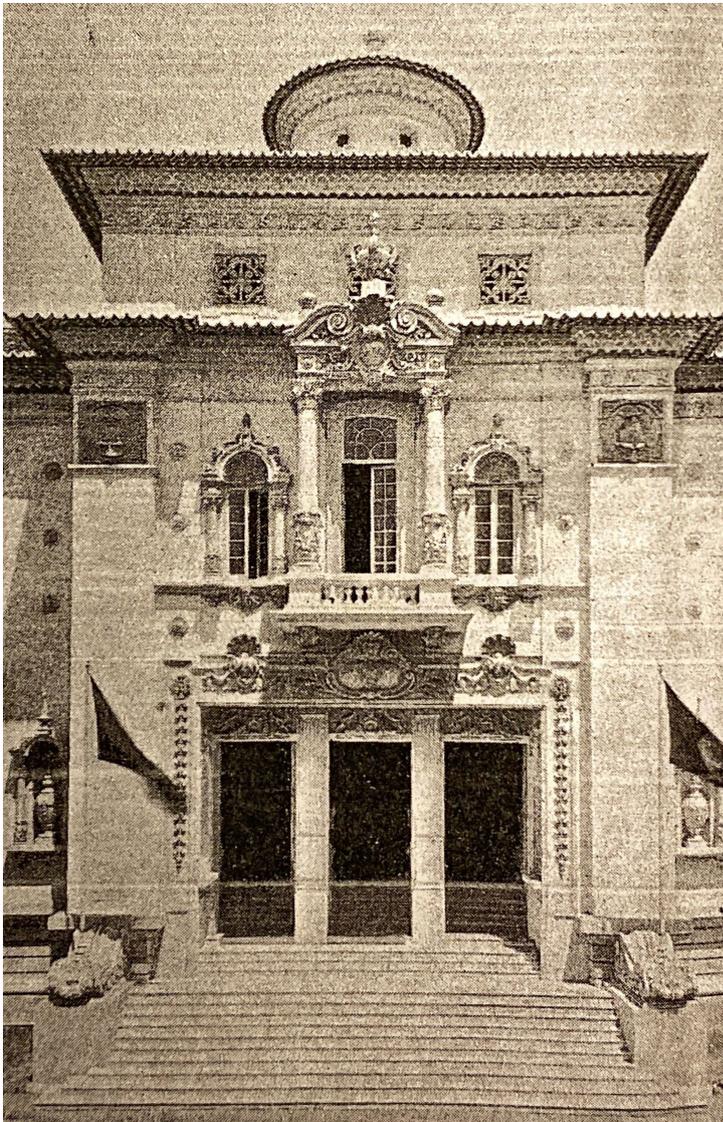


Foto 12  
Detalhe do acesso central do Edifício da Agricultura, em Estilo Colonial Barroco Brasileiro. Projeto do Arquiteto A. Morales de los Rios Filho

<sup>8</sup> N.T. Curtis demonstra certa incompreensão do ambiente político brasileiro nesta frase. Os jesuítas foram expulsos do Brasil, ainda durante o período colonial, em 1759, por ordem de Dom José I, e a partir da ação do Marquês de Pombal, secretário do Estado Português. Quando a família real portuguesa se trasladou ao país, em 1808, já não havia propriedades jesuíticas sob comando da Cia de Jesus. A independência, em 1822, inaugurou o Primeiro Império, que ficou sob comando do Imperador Pedro I. O Segundo Império (1840-1889), o mais duradouro, não teve intensa participação jesuítica, uma vez que o regresso desses religiosos só ocorreria em 1844, e na província do sul, São Pedro, e não na Corte.

em criar uma aristocracia brasileira de intelectuais e atraído artistas, cientistas e estudiosos de todas as partes do mundo para a Corte, no Rio de Janeiro, seu governo foi financeiramente muito conservador para encorajar a construção numa escala generosa. As estruturas erigidas durante o período dos Bragança no Brasil foram hiper-conservadoras e parcas em imaginação arquitetônica ou desenvolvimento espacial. Em alguns casos, ricas corporações, como Jesuítas<sup>8</sup> ou Carmelitas, construíram com atenção em algo mais do que economia, durante o regime de Dom Pedro. Esta constitui, praticamente, a única tradição que os arquitetos brasileiros têm para seguir. Aqueles que voltariam para o "país-mãe" para buscar inspiração, pouco encontraria lá para encorajá-los.

Quando o trono caiu, em 1889, os revolucionários foram obrigados a fundar a República por sobre as ruínas de um sistema social que estava desmantelado por conta também do fim da escravidão. Para um considerável período de estabilidade econômica, houve outro de estagnação. A reorganização começou e prossegue dentro da atual geração. Embora essa reorganização tenha progredido rapidamente, depois de iniciada, foi apenas nas últimas duas décadas que os brasileiros começaram a construir de acordo com suas necessidades e aspirações.

A Exposição do Centenário do Brasil é a expressão de uma jovem arquitetura, uma arte que viceja cheia de vigor e promessas, e que aspira grandiosidade. É um presságio do que o segundo século de crescimento nacional produzirá em construção, arquitetura e realização.

*Rio de Janeiro, 1923.*

## Referências

ART and Archaeology, n.3, v.XVI, Washington D.C., September 1923.

ATIQUE, Fernando. *Arquitetando a "Boa Vizinhança": arquitetura, cidade e cultura nas relações Brasil-Estados Unidos, 1876-1945*. Campinas: Pontes / FAPESP, 2010.

CURTIS, John Pollock. "Architecture of the Brazil Centennial Exposition," *Art and Archaeology*, n.3, v.XVI, Washington D.C., September 1923.

DECRETO N. 4.175, DE 11 DE NOVEMBRO DE 1920 - autoriza o Poder Executivo a promover, conforme melhor convier aos interesses nacionais, a comemoração do Centenário da Independência Política do Brasil. Disponível em: <https://cutt.ly/SXpZOVQ>. Acesso 14 ago 2022.

SAMPAIO, Carlos. *Memória histórica: obras da prefeitura do Rio de Janeiro*. Lisboa: LuMem, 1924.